

# O SISTEMA AGROECOLÓGICO COMO MEIO DE VIDA DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DO LIVRAMENTO-RS: AS INFLUÊNCIAS PARA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SUSTENTÁVEIS

**MITALI DAIAN ALVES MACIEL**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**ALESSANDRA TROIAN**  
UNIPAMPA | UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA.

## **Introdução**

A produção de alimentos compõe uma gama complexa de ações, envolvendo desde as escolhas econômicas às influências políticas, sociais e culturais. Quando se procura entender o papel desempenhado pela alimentação na vida das pessoas, percebe-se que ela expressa uma diversidade de saberes e conhecimentos engendrados socialmente. Assim, produzir e se alimentar é propiciar uma reflexão dos interesses, vontades e implicações que se reconstruem no processo histórico cultural da produção de alimentos, em compatibilidade a um sistema alimentar equitativo, ambientalmente sustentável e saudável.

## **Problema de Pesquisa e Objetivo**

No município de Santana do Livramento, inserido na região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul, há o predomínio de grandes propriedades rurais e homogeneização dos sistemas de produção agrícolas, que são resultantes da desigualdade agrária, dos monocultivos, como hegemonia do agronegócio brasileiro. O estudo tem como objetivo analisar as razões e os fatores que influenciaram os agricultores familiares a produzir no sistema agroecológico no município, perante o cenário de predomínio da produção convencional, pautada em pacotes tecnológicos com elevado consumo de defensivos agrícolas.

## **Fundamentação Teórica**

A promoção de um sistema alimentar saudável se converteu em um dos objetivos a ser alcançado pela sociedade (SCHUBERT; TONIN; SCHNEIDER, 2023). A agricultura familiar alicerçada no sistema de produção agroecológico é protagonista para o fortalecimento da sustentabilidade, principalmente, pelo uso de técnicas de manejo e conservação que protegem a biodiversidade, através de uma nova relação com a natureza, com respeito à terra e aos recursos naturais, buscando a valorização e a qualidade de vida das famílias no campo (DIEDRICH; BIONDO; BULHÕES, 2021; MACIEL; TROIAN; BREITENBACH, 2023).

## **Metodologia**

Metodologicamente, a pesquisa se classifica como qualitativa, de caráter exploratório e descritivo e método de estudo de caso. As técnicas de coleta de dados foram: revisão bibliográfica, entrevista semiestruturada e observação não participante. Foram realizadas nove entrevistas entre os meses de outubro de 2021 e janeiro de 2022. Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo.

## **Análise dos Resultados**

Os fatores não econômicos desempenham um papel determinante na tomada de decisão para a produção de alimentos pelos agricultores familiares agroecológicos. O processo decisório está aliado às questões como pressões sociais para redução do impacto ambiental, mediante a influência do acesso ao conhecimento, a realização de cursos formais e capacitações, a filosofia/estilo de vida, a influência dos movimentos sociais e o feito de, historicamente, as famílias produzirem de forma limpa, sem o uso de agrotóxicos, são pontos fundamentais nesse processo.

## **Conclusão**

A agricultura familiar agroecológica, vem desenvolvendo atividades produtivas vinculadas às especificidades do local e suas potencialidades. A decisão de produção está na oportunidade observada e não na visão de uma produção alternativa e exótica. Caracterizando-se em uma estratégia de negócio viável para os agricultores, em respeito aos seres humanos, ao meio ambiente e à biodiversidade. Evidencia-se que essa é uma produção de valores intangíveis que se ajustam às novas preocupações e necessidades da sociedade contemporânea.

## **Referências Bibliográficas**

DIEDRICH, G. E.; BIONDO, E.; BULHÕES, F. M. Agroecologia e Bem Viver como modo de vida e como modelo sustentável de produção agrícola e de consumo de alimentos. Revista do Desenvolvimento Regional, Taquara, v. 18, n. 3, p. 230-255, 2021. MACIEL, M. D. A.; TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Inovação e sustentabilidade: As práticas da agricultura familiar agroecológica em Santana do Livramento/RS. Grifos, Chapecó, v. 32, n. 60, 2023. SCHUBERT, M. N; TONIN, J.; SCHNEIDER, S. Desafios e tendências da alimentação contemporânea: consumo, mercados e ação pública. (Orgs.). Porto Alegre: UFRGS, 2023.

## **Palavras Chave**

Sustentabilidade, Produção agroecológica, Tomada de decisão

## **Agradecimento a órgão de fomento**

Agradecimentos ao Programa de Auxílio da Pós-Graduação da Universidade Federal do Pampa, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA-UNIPAMPA).

# O SISTEMA AGROECOLÓGICO COMO MEIO DE VIDA DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DO LIVRAMENTO-RS: AS INFLUÊNCIAS PARA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SUSTENTÁVEIS

## 1 Introdução

Produzir e consumir alimentos na sociedade contemporânea é um fazer complexo: as escolhas de produção e consumo estão culturalmente orientadas por processos sociais, econômicos, políticos, tecnológicos e afetivos que se expressam na sociedade global (CUERVO; HAMANN; PIZZINATO, 2018). Quando se procura entender o papel desempenhado pela alimentação na vida das pessoas, percebe-se que ela não é apenas uma fonte de nutrientes em resposta a estímulos fisiológicos, mas sim, expressa uma diversidade de saberes e conhecimentos engendrados socialmente (CONTRERAS; GRACIA, 2011).

Com valores e gostos distintos daqueles propugnados pelo modelo agroindustrial capitalista vigente, os agentes – produtores e consumidores – tem a função de redefinir a posição e importância dos cuidados com a alimentação, ressignificando assim, o “ato” de produzir e consumir (KLOTZ SILVA et al., 2010). Uma vez que, a forma de domínio da agricultura pelo agronegócio se manifesta na internacionalização das ações de empresas, que passam a operar tornando os processos de produção de alimentos padronizados, pautados na exploração em forma de monocultivos – com o desenvolvimento de produtos químicos para as lavouras, modificação genética de alimentos, controle das sementes transgênicas e prejudicialidade da biodiversidade. Com isso, há um profundo controle nos processos de produção agrícola por parte de empresas do setor, tornando, muitas vezes, inviáveis outras formas de produção agrícola que são “sufocadas” por esse modelo, como a agricultura familiar (LEITE; DIMENSTEIN, 2010).

Craveiro (2018) argumenta que o crescente fenômeno de urbanização das cidades, em conexão com a modernização/mecanização das práticas agrícolas – amparada pelo desenvolvimento capitalista – produz práticas alimentares como reflexo e reprodução deste modo de desenvolvimento. Resultando na constituição do hábito de comer como mero ato de consumo, de um dentre tantos produtos dispostos nas prateleiras de supermercados.

Ao passo que, a falta de diversidade alimentar calcada no modelo produtivista causa debilidades no sistema agroalimentar e se apresenta como um problema global, que são percebidos em escalas regionais e municipais. No município de Santana do Livramento, inserido na região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul, há o predomínio de grandes propriedades rurais e homogeneização dos sistemas de produção agrícolas, que são resultantes da desigualdade agrária, dos monocultivos, principalmente da soja, como hegemonia do agronegócio brasileiro (MACIEL; TROIAN, OLIVEIRA, 2022).

Sincronicamente, é nesse contexto que a agricultura agroecológica desponta e se firma como contraponto ao modelo convencional. Ao defender o equilíbrio ambiental da propriedade agrícola, privilegia a utilização de compostos orgânicos, estimulando a segurança alimentar e contribuindo para a justiça social no campo (EHLERS, 1996; MACIEL; TROIAN, 2022). Por sua vez, os sistemas alimentares sustentáveis podem se apresentar como um desafio e, principalmente, uma oportunidade para a agricultura familiar, por utilizar as suas particularidades para ofertar alimentos alinhados às necessidades de segurança alimentar (MACIEL; TROIAN; BREITENBACH, 2023). E, em um mercado diferenciado como o de produtos agroecológicos, as motivações para a produção superam aquelas de caráter estritamente econômico (ABRAMOVAY, 2000; MACIEL, 2022).

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar as razões e os fatores que influenciaram os agricultores familiares a produzir no sistema agroecológico, perante o cenário de predomínio da produção convencional, pautada em pacotes tecnológicos com

elevado consumo de insumos e fertilizantes químicos, em Santana do Livramento-RS. A pesquisa se justifica pela emergência em se investigar unidades de produção familiares que resistem e se reproduzem socialmente a partir do cultivo de alimentos agroecológicos para o abastecimento local, enquanto é notória a homogeneidade nos processos produtivos no município, como o aumento da produção de *commodities* agrícolas e reduzidas áreas para a produção de alimentos. Dado que, 1.746 estabelecimentos na proporção de, aproximadamente, 58% se enquadram na dinâmica da agricultura familiar, dos quais a área ocupada é de 56.494 hectares, isto é, possuem menos de 10% da área de plantio do município (IBGE, 2019).

Ademais, captar as configurações e os sentidos subjetivos existentes e construídos sobre o modo de ver, produzir e se alimentar é propiciar uma reflexão dos interesses, vontades e implicações que se reconstróem no processo histórico cultural da produção de alimentos, em compatibilidade a um sistema alimentar equitativo, ambientalmente sustentável e saudável, reflexivo com as questões sociais, ambientais, culturais e econômicas.

## **2 Agricultura e agroecologia: O paradigma da produção de alimentos em uma perspectiva sustentável**

A promoção de um sistema alimentar saudável se converteu em um dos objetivos a ser alcançado por diferentes setores da sociedade. As dietas alimentares, a forma de produzir e organizar os sistemas de abastecimento, assim como o comportamento dos consumidores está no centro dos debates sobre a chamada ‘nova questão alimentar’ do século XXI (SCHUBERT; TONIN; SCHNEIDER, 2023). Na esteira dessa discussão, estão os papéis que a agricultura familiar e a alimentação possuem na construção de sistemas alimentares saudáveis em interface com a agenda dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) (MACIEL, 2022).

Nas últimas décadas a produção de alimentos e os padrões alimentares mudaram substancialmente. O foco no modelo produtivista agrícola acarretou aumento na disponibilidade de alimentos, mas não foi suficiente para resolver os problemas alimentares e nutricionais da população (TRICHES, 2020). Este modelo vem sendo criticado por determinar a pandemia simultânea da desnutrição, obesidade e mudanças climáticas, caracterizando-se em uma sinergia de pandemias que coexistem no espaço e no tempo, interagem entre si e compartilham fatores sociais fundamentais comuns, que se retroalimentam (SWINBURN, 2019).

A agricultura familiar é estratégica para o abastecimento alimentar das cidades, devido à grande produção de alimentos para as populações consumidoras, bem como na construção de práticas e mercados alimentares sustentáveis no contexto de mudanças climáticas (AQUINO; SCHNEIDER, 2021). Um dos atributos que relacionam a agricultura familiar ao desenvolvimento sustentável é a forma de produção baseada em sistemas agroecológicos, como também o comprometimento com a qualidade e segurança alimentar dos alimentos e a responsabilidade socioambiental do agricultor (MACIEL; TROIAN, 2022).

A agroecologia tem se mostrado uma alternativa para fomentar a sustentabilidade no âmbito da agricultura familiar (GLIESSMAN, 2005). Mais que um enfoque exclusivo da categoria social, os sistemas alimentares sustentáveis são necessários para garantir produção, distribuição, comercialização e consumo de alimentos, estimulando, assim, meios disruptivos para o enfrentamento da fome (POZZEBON; RAMBO; GAZOLLA, 2018). Neste sentido, a agricultura de base agroecológica integra princípios e práticas que respeitam a atividade agrícola, o ambiente ecológico, agentes sociais e o desenvolvimento de mercado, em busca de

um horizonte contínuo e longo que evolua enquanto perpassa gerações, sendo aceita como um espaço que abrange ciência, movimento e prática (WEZEL et al., 2009).

Conforme Maciel Troian e Oliveira (2022), por meio da agricultura de base agroecológica, objetivam-se a conservação dos recursos naturais, oferta permanente de alimentos nutritivos, permanência das famílias no campo a partir do manejo sustentável dos solos, a valorização dos saberes locais e a independência dos agricultores para comercialização de seus produtos. Com tais características, vislumbra-se a agroecologia como uma via que coaduna a agricultura familiar e a sustentabilidade no espaço rural.

Desse modo, evidencia-se o protagonismo da agricultura familiar alicerçada no sistema de produção agroecológico para o fortalecimento da sustentabilidade, principalmente, porque busca uma agricultura alternativa, com o uso de técnicas de manejo e conservação que protegem a biodiversidade, através de uma nova relação com a natureza, com respeito à terra e aos recursos naturais, buscando a valorização e a qualidade de vida das famílias no campo (DIEDRICH; BIONDO; BULHÕES, 2021).

Importa evidenciar que a produção agroecológica, mostra-se como uma importante ferramenta para a produção de alimentos ao envolver processos ecossociais que orientam o estabelecimento de agroecossistemas sustentáveis e bases técnicas e científicas, dispondo entre os seus objetivos a garantia de maior independência de insumos externos à unidade de produtiva e o direcionamento da produção às demandas da cultura alimentar local (CAPORAL; COSTABEBER, 2004). Nessa seara, a produção agroecológica tem por princípio a valorização do conhecimento oriundo dos agricultores, a partir das especificidades e ressignificação das práticas, que valorizam as peculiaridades inerentes do espaço onde ocorre a produção, sem deixar à parte os conhecimentos construídos historicamente (ALTIERI, 2011; SCHWAB; MORAES; CORRENT, 2022).

Para Santana, Andrade e Andrade (2023), a utilização dos fundamentos da agroecologia nas relações produtivas pode potencializar aspectos subjetivos na agricultura familiar alterando as sociabilidades e, conseqüentemente, proporcionar relações sociais mais respeitadas que priorizam a conservação dos ecossistemas e valorização das expressões culturais, sociais, ambientais, políticas e econômicas. A agroecologia, ainda, possui participação na ressignificação da identidade social dos agricultores, como socialmente válida, uma realidade possível, percebendo-a com intersubjetividade. Processo esse que é também político, pois envolve uma luta social por projetos distintos para a sociedade, uma vez que não é possível assumir uma identidade sem a transformação do universo que simboliza e fornece suporte (BAUER; MESQUITA, 2008).

A complexidade da decisão de produzir alimentos agroecológicos perante as peculiaridades da agricultura, especialmente nas propriedades familiares, vinculam-se ao modo como os agricultores agem e reagem aos novos anseios da sociedade, acompanhando suas transformações. Diante disso, revelar o comportamento humano e a tomada de decisão, bem como suas razões e motivadores para fazê-lo, não é tarefa simples (ESAU; DEPONTI, 2020). Se considerar os agricultores familiares como microempresas rurais, os fatores produtivos (área, recursos, mão de obra, entre outros) possuem um papel importante e de influência, mas assim também são os aspectos familiares (relacionais, sucessórios, entre outros). Além disso, a tradição, o aprendizado, os fatores psicológicos, sociais e econômicos são componentes relevantes na tomada de decisão dos agricultores familiares (DALCIN, 2013).

Simon (1971) relembra que as escolhas dos indivíduos dependem de comparações das possíveis alternativas e os resultados obtidos. Elas extrapolam as barreiras empresariais e se inter-relacionam com o ser humano em suas situações cotidianas de escolha, comportamento, juízos de valor, fatos estes que ultrapassam os limites da racionalidade administrativa/empresarial. Conforme, Reichert e Gomes (2013), os agricultores familiares,

constantemente, tomam suas decisões imersos em um ambiente de incertezas e riscos. Para os autores, os recursos econômicos e ambientais, geralmente, são escassos e limitados provocando a busca do melhor e mais racional sistema de produção de modo a viabilizar as soluções disponíveis na unidade de produção e garantir a reprodução social da família, apesar de suas limitações fundiárias, creditícias e de reconhecimento.

É nesse ambiente que os agricultores familiares realizam a tomada de decisão baseados nas suas racionalidades, considerando vários aspectos internos e externos, inerentes aos processos de produção. Neste sentido, a ação decisória apresenta estratégias bem definidas, organizadas, seguindo uma racionalidade lógica da família, nas quais as decisões são tomadas e determinadas pelas convicções socioculturais e por uma produção mais sustentável dos pontos de vistas ambiental, social e econômico (ESAU; DEPONTI, 2020).

### 3 Metodologia

A pesquisa possui abordagem qualitativa, caráter exploratório e descritivo e método de estudo de caso. Os agricultores familiares participantes do estudo constituem grupo social oposto à agricultura moderna hegemônica, que é caracteriza pelos monocultivos, com emprego de pacotes tecnológicos baseados no intenso uso de insumos externos como agrotóxicos, fertilizantes, pesticidas e herbicidas (MACIEL, 2022).

O município se localiza na região da Campanha Gaúcha (figura 1), onde há a predominância de grandes propriedades rurais monocultoras e homogeneidade dos sistemas de produção agrícolas. Embora se diferencie regionalmente pela produção pecuária e vasta extensão fundiária, unidades de produção familiares compõem o cenário local desde meados do século XVIII (FERRON; TROIAN, 2020). Economicamente, Santana do Livramento estrutura-se nas atividades comerciais e agropecuárias, sobretudo, nas culturas de arroz e soja e, mais recentemente, na produção frutífera com destaque para a vitivinicultura (FEE, 2018).

Figura 1 - Localização do município de Santana do Livramento – Rio Grande do Sul – Brasil



Fonte: Elaboração própria (2023).

A coleta de dados compreendeu a observação não participante e a realização de entrevistas semiestruturadas, mediante o uso de roteiros. As entrevistas ocorreram entre outubro de 2021 e janeiro de 2022, foram efetuadas nove entrevistas com agricultores familiares agroecológicos. A observação ocorreu nas unidades de produção familiares e no

local de comercialização dos agricultores, visando conhecer o ambiente produtivo e os meios de reprodução socioeconômica. A escolha dos entrevistados se deu pelo método de bola de neve (VINUTO, 2014) e a delimitação do número de entrevistas ocorreu pelo critério de saturação, quando os dados apresentaram sinais de exaustão (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). Salienta-se que pela pesquisa exploratória realizada previamente a coleta de dados empíricos há apenas dois produtores orgânicos com cadastro ativo na base de dados do Ministério da Agricultura e Pecuária, ambos vinculados ao Organismo de Controle Social (OCS), denominado Agroecologia, Pampa, Terra e Fronteira dos Agricultores Familiares de Santana do Livramento (MAPA, 2023). Nesse sentido, acredita-se ter chegado muito próximo à totalidade de agricultores familiares agroecológicos do município entrevistados na presente pesquisa.

O tratamento dos dados se deu pela técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), gerando categorias a posteriori. Para preservar a identidade dos participantes do estudo foram usados nomes seguindo a ordem de realização das entrevistas, AF: agricultores familiares. O estudo foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pampa sob o número de registro CAAE 50839221.2.0000.5323.

#### **4 As razões que levam os agricultores familiares a produzirem alimentos agroecológicos em Santana do Livramento-RS**

As particularidades dos participantes da pesquisa demonstram que dos nove, dois fazem parte da Organização de Controle Social (OCS)<sup>1</sup> denominada Agroecologia Pampa, Terra e Fronteira. Os demais agricultores entrevistados possuem certificação, contudo todos produzem no sistema agroecológico. Observa-se que seis dos nove entrevistados são mulheres, apontando para o protagonismo feminino na agricultura agroecológica, como já evidenciado por Karam (2004). A mulher tem maior propensão para novas formas de produzir, recuperando saberes do seu patrimônio sociocultural, além de gerar maior envolvimento da família nesses sistemas produtivos sustentáveis (SHULTZ; SOUZA; JANDREY, 2017; KARAM, 2004; OKUYAMA et al., 2012).

A idade dos agricultores familiares entrevistados varia entre 30 e 72 anos. Dados semelhantes foram encontrados nos estudos de Santos, De Jesus e Perin (2020), no estado de Sergipe e em Martinelli e em Armstrong e Cordeiro (2016), em Palotina/PR, onde a maioria dos produtores orgânicos tinha entre 40 e 60 anos. Já acerca da escolaridade destaca-se o fato de cinco entrevistados terem formação em nível superior, sendo três com pós-graduação. Esse contexto difere dos resultados do estudo de Lourenço, Schneider e Gazolla (2017) com base no Censo Agropecuário de 2006, em que os agricultores que praticam a agricultura orgânica no Brasil, possuem baixo grau de escolarização, fato também evidenciado na pesquisa de Silva, Fley e Carpes (2020) em Laranjeiras do Sul/PR.

Sobre a composição familiar, considerando as pessoas que moram e trabalham na unidade de produção, são majoritariamente compostas de até duas pessoas, sendo seis famílias nessa condição e três famílias com três integrantes. O resultado está parcialmente alinhado com a realidade brasileira em que o tamanho médio das famílias rurais é de três membros por domicílio (IBGE, 2019). O cenário reflete a redução do tamanho médio das famílias rurais, parcialmente explicado por fatores demográficos (envelhecimento da população rural e queda da fecundidade), somados à atratividade das áreas urbanas, têm caracterizado o fenômeno de esvaziamento demográfico rural desde a década de 1960 (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999; MAIA, 2014), o que é agravado pela crise sucessória na agricultura familiar (CASTRO et al., 2017; DREBES; PASQUALOTTO; KAUFMANN, 2018). Apresentam-se, a seguir, as principais características dos entrevistados.

Quadro 1 - Caracterização dos agricultores familiares agroecológicos em Santana do Livramento-RS

Agricultor(a)	Sexo	Idade	Escolaridade	Integrantes da família	Alimentos produzidos
<b>AF 01</b>	Feminino	63 anos	Ensino fundamental	01 (esposo)	Milho, mandioca, batata doce, abobrinha, cabotiá
<b>AF 02</b>	Masculino	31 anos	Ensino superior	03 (esposa, uma filha e um filho)	Alface, couve, rúcula, espinafre, mandioca, batata, salsa, cebolinha, ovos
<b>AF 03</b>	Feminino	49 anos	Pós-graduação	03 (esposo, uma filha e um filho)	Couve, alface, cenoura, salsa, cebolinha, batata, mandioca, feijão, mel, queijo, ovos
<b>AF 04</b>	Feminino	30 anos	Pós-graduação	03 (pai, mãe e irmão)	Acelga, alface, couve, rúcula, beterraba, alho, tomate, cebola, brócolis, cenoura, pimentão, cebolinha, pães
<b>AF 05</b>	Masculino	65 anos	Ensino fundamental incompleto	01 (esposa)	Alface, couve, acelga, beterraba, salsa, couve, pêssego, laranja
<b>AF 06</b>	Masculino	72 anos	Ensino fundamental incompleto	nenhum (sozinho)	Mandioca, feijão miúdo, frutas cítricas diversas como laranja, limão, tangerina, pêssego
<b>AF 07</b>	Feminino	52 anos	Pós-graduação	01 (esposo)	Tubérculos em geral como mandioca, batata, beterraba, cenoura, frutas, hortaliças, legumes e diversificadas
<b>AF 08</b>	Feminino	57 anos	Pós-graduação	01 (esposo)	Abóbora, rúcula, repolho, couve, alface, salsa, couve, berinjela, espinafre, tomate cereja, ovos, mel, pêssego
<b>AF 09</b>	Feminino	65 anos	Ensino médio	01 membro (filha)	Pepino, alface, pimentão, tomate, rúcula, uva, pêssego, laranja

\*ASPH= Associação Santanense de Produtores de Hortifrutigranjeiros

Fonte: Pesquisa de campo (2022).

A análise das entrevistas realizadas em Santana do Livramento revelou elementos similares entre si sobre o histórico e as razões para a produção agroecológica. A partir dos dados coletados, foi possível identificar três categorias, a saber: a) o acesso ao conhecimento (curso formal e capacitações); b) a busca por formas de vida mais saudáveis; c) movimentos sociais; e d) tempo de produção.

A categoria **acesso ao conhecimento** é representada por cinco dos nove entrevistados, sendo um dos fatores mais enfatizados para o desenvolvimento da produção no sistema agroecológico. Nesse sentido, o acesso ao conhecimento aparece nos discursos relacionados a  **cursos formais e capacitações**. Para um agricultor o conhecimento é evidenciado na relação com o aprendizado em função de ter formação acadêmica na área, que, ao vislumbrar conceitos, teorias desejou aplicar na agricultura:

Na UERGS<sup>2</sup> é um curso com enfoque pra agroecologia, todo o curso ele é voltado nesse viés, então como a gente já participava, tinha um monte de atividade de campo, eu mais ou menos conhecia um pouco da prática do produtor, então também quis continuar com isso aí, trabalhar pra nós mesmo, mais tranquilo, um lugar, um ambiente bem melhor pra viver e pra trabalhar né! (Entrevistado AF 02).

O relato do entrevistado evidencia que o conhecimento formal adquirido no âmbito universitário, por meio da internalização de saberes, estimulou-o na prática da agricultura de base sustentável. Nesse sentido, Caporal e Costabeber (2004) indicam que a agroecologia compreende um conjunto de conhecimentos, técnicas e saberes que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas. Sendo assim, quando transmitidas no ambiente acadêmico, a agroecologia abre a possibilidade de discussão aprofundada sobre o papel dos processos de transformação do conhecimento, vinculados à construção de uma racionalidade ambiental, responsabilidade social na formação de novos saberes e novos profissionais com consciência crítica e capacidade para contribuir com eficácia na resolução de problemas socioambientais cada vez mais complexos (JACOB et al., 2016).

As outras quatro entrevistadas que vincularam a produção agroecológica em suas unidades de produção familiar ao conhecimento, mencionaram a influência dos cursos e capacitações realizadas. Duas delas relacionam à oportunidade de realizar cursos que a região oferece, por meio de órgãos como a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR): “[...] eu comecei plantando pra gente comer, não dava certo, daí surgiram os cursos do SENAR, fiz curso básico de horta, de construção de estufa, manejo de formigas [...] me ajudou muito” (Entrevistada AF 09). Nesse sentido, a capacitação para a produção no sistema agroecológico, torna-se um recurso importante para a manutenção dos sistemas mediante a atualização de alternativas viáveis para os manejos.

Para as outras duas participantes a decisão de produzir de maneira agroecológica relaciona-se com a oportunidade de realização de cursos de aperfeiçoamento pessoal, em âmbito internacional, vinculados a formas de produção, desenvolvimento de hortas, alimentação sustentável e qualidade de vida, juntamente, com a descontinuidade da carreira acadêmica, como pode ser visualizado na fala a seguir: “[...] o doutorado não quis seguir, já muito desestimulada, não queria mais ficar estudando [...] não me encaixei dando aula [...] aí nesse meio tempo eu voltei e surge o curso de Desarrollo Agropecuario, eles ensinavam a plantar do zero, tudo [...]” (Entrevistada AF 04).

Percebe-se que a entrevistada ao sair do município em busca de qualificação acadêmica e profissional retorna com novas experiências, apresentando um olhar diferente para o ambiente já conhecido, resignificando e revalorizando o local. Nesse sentido, é possível identificar o processo de recampanização (PLOEG, 2008, p. 23). A recampanização, manifesta-se como consequência das migrações do urbano ao rural e das novas ruralidades



emergentes, que também se inserem nos movimentos socioambientais e na busca da melhoria da qualidade de vida no campo. Apresenta-se como o caminho para sanar as necessidades urbanas, inclusive a pobreza alimentar, sendo aspecto do processo social e características do rural identificado como parte dos novos movimentos socioambientais de preservação ambiental, centrando-se nos circuitos alternativos de produção e comercialização de alimentos (PLOEG, 2008).

A segunda categoria associada às razões para produzir no sistema agroecológico, relaciona-se com **a busca por formas de vida mais saudáveis**, a qual aparece nos discursos de três dos nove entrevistados. Para dois agricultores, as razões listadas são: a) mudanças no estilo de vida; e b) transição da agricultura convencional para manejos sustentáveis. E para uma entrevistada, a busca por formas de vida mais saudáveis, relaciona-se a vivência em diversos países da América Latina e novos saberes adquiridos sobre alimentação saudável.

Ao se tratar de mudanças no estilo de vida, destaca-se o abandono de hábitos não saudáveis, como o consumo de álcool. Ainda na categoria dos entrevistados que buscam por formas de vida mais saudáveis, evidencia-se que os agricultores já eram experientes em culturas que empregava agroquímicos, modificaram a forma de produção, buscando manejos de base agroecológicas, como pode ser visualizado na fala, a seguir:

[...] eu vim pra cá [*Santana do Livramento*] há 30 anos atrás [...] eu plantava soja, trigo, feijão preto, na serra a gente plantava de tudo um pouco, daí eu queria parar de plantar esse tipo de coisa e aí, a gente vinha passear e eu, vamo comprar uma chacinha, aí eu vim pra cá fazer minha vida, e desde então eu planto verdura [...] eu não queria mais usar [*veneno*] porque sabia que fazia mal, daí quando comecei a produzir verduras, tive muito incentivo da minha filha e do Leonardo [*da EMATER*], pra ter uma produção livre de veneno e muito mais orgânica. (Entrevistado AF 05).

O discurso do entrevistado evidencia que a assistência técnica tem um papel fundamental na permanência do homem no campo. Dessa forma, por meio do acompanhamento técnico pode-se orientar uma prática, ensinar manejos, substituir insumos e fomentar meios de reprodução mais sustentável, menos dependente de fatores externos, aumentando, assim, a produtividade da produção. Por esses aspectos, a assistência técnica possui papel preponderante na orientação dos agricultores no processo de transição agroecológica (PIZZIO; MILAGRES, 2019).

A transição agroecológica, conforme Gliessman (2020), é um procedimento gradual de transformação por meio do tempo, das formas de manejo, da compreensão do agroecossistema e conscientização dos atores sociais, visando uma mudança em suas atitudes e valores em relação à produção e conservação dos recursos naturais. Apresenta-se como o processo de “ecologização das agriculturas”, o qual envolve as mudanças técnicas no manejo dos agroecossistemas, bem como, mudanças sociais, considerando as ações coletivas desenvolvidas pelos agricultores e suas organizações, redesenhando a produção e o consumo, na busca de viabilizar um novo projeto de agricultura e desenvolvimento rural (ZONIN; BRANDEMBURG, 2012, p. 22).

Dessa forma, a transição agroecológica é o caminho para o desenvolvimento do meio rural, de superação da subordinação ao pacote tecnológico, caracterizando-se como um processo de reconstrução do ambiente rural. Devido a isso, é um processo de movimentação constante, da sociedade e do ambiente em que esteja ocorrendo, pois ela demanda modificações na maneira de produzir novos hábitos, ações e pensamentos. Em vista disso, a transição agroecológica pode até ter um ponto de partida, porém o ponto de chegada é a sustentabilidade, sendo um caminho longo, trabalhoso e árduo, todavia necessário, visto que o modelo produtivo convencional caminha rumo à falência (CAPORAL; DAMBRÓS, 2017).

Já para uma participante da pesquisa, a busca por formas de vida mais saudável, relaciona-se com a vasta influência externa por ter morado em países da América Latina, adquirido novos saberes e vivências, sobre alimentação saudável, qualidade de vida e canais de distribuição de alimentos sustentável. Dessa forma, experiência obtida ao longo dos anos e a vontade de produzir, a partir da lógica de agroecológica são os principais influenciadores, como pode ser visualizado, no discurso, a seguir:

Nunca é um fator só, é uma soma de variáveis que vão acontecendo na tua vida [...] a finalização do curso na Itália, EAD, de *slow food* sobre alimentação a tipos de produção [...] vários professores me despertaram algumas lembranças minhas da infância, criada em Livramento, os meus pais tinham horta e eu brincava na horta quando pequena [...] e ali combinou que a gente vivenciou uma pandemia também, [...] no México em 2010 da H1N1 [...] é como se fosse caindo gotas num copo que já vinha se enchendo de informações sobre qualidade de vida e alimentação e que bateu fundo numa raiz que já era do campo [...] e quando a gente começou a juntar essas memórias veio essa coisa de que nós precisávamos de um lugar no mundo que um dia a gente vai tá lá seguro, protegido e plantar e resgatar essa lembrança [...] e começou a crescer essa semente dentro de nós [...]. (Entrevistada AF 07).

O modo de vida escolhido é compatível com a agroecologia e o bem viver. Segundo Diedrich, Biondo e Bulhões (2021), o bem viver e a agroecologia buscam uma agricultura alternativa para o campo, que concilia o uso da terra com seus recursos naturais, através de técnicas de manejo e conservação que protejam a biodiversidade, através de uma nova relação com a natureza, respeitando a terra e os recursos naturais, ao estabelecer um novo olhar na relação entre os seres humanos e a natureza.

A nova ruralidade compreende uma expressão singular de migração urbana para o rural, o movimento denominado “neorruralismo” ou “novos rurais”. Os neorrurais procuram se instalar no meio rural com vistas à criação de projetos pluriativos de atividades no campo. De acordo com Giuliani (1990, p. 1), “a volta às relações diretas com a natureza, a ciclos produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, o ar puro e à tranquilidade, assim como, o desejo de relações sociais mais profundas [...]”. Estas seriam as dimensões que atraem pessoas da cidade ao campo e essas novas formas de migração para o campo podem fomentar um desenvolvimento rural sustentável (SCHWAB; MORAES; CORRENT, 2022).

Por fim, a terceira categoria referente às razões para produzir no sistema agroecológico, relaciona-se à influência dos **movimentos sociais**. Nesse sentido, duas agricultoras evidenciam a importância dos valores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e dos seus assentamentos para o desenvolvimento da agricultura de base sustentável. Para as agricultoras, o desenvolvimento da produção agroecológica está relacionado com os fundamentos do MST e a capacidade adquirida na prática, a qual não sofreu interferência da modernização da agricultura.

Desde quando a gente chegou aqui, nós já chegamos produzindo, fomos uma das primeiras produções de hortifrutigranjeiros [...] na verdade a gente nem conhecia esse negócio essas técnicas de usar esse monte de veneno, o pessoal foi conhecendo ao longo dos anos as empresas querendo vender os herbicidas, fruticidas, inseticidas, eles mesmo não tão dando assistência técnica para os agricultores, pra poder vender esses produtos, então nós nem conhecíamos, nós sabíamos trabalhar orgânico, sempre soubemos trabalhar de forma orgânica, mas aqui a gente enfrentou um grande problema o solo é muito pobre e o clima é extremo, no verão é muito calor e no inverno é muito frio, então desde o início, a gente teve que lidar com esses extremos (Entrevistado AF 03).

De acordo com Chelotti (2007), o cultivo agroecológico de sementes, frutas e hortaliças foi uma das alternativas encontradas pelos assentados na Campanha Gaúcha para sua reprodução social e geração de renda. Nesse sentido, por sua própria natureza política, os assentamentos, constituem-se como sujeitos históricos e espaços por excelência para novas experiências produtivas, como é o caso das práticas vinculadas à agroecologia, possibilitando a reorganização do espaço agrário regional, representando assim, uma alternativa ao modelo vigente de agricultura (CHELOTTI, 2013).

A discussão a respeito dos sistemas agroalimentares locais tem sido desde a década de 1990. Uma das primeiras revisões dentro da temática buscou avaliar as estratégias e iniciativas no campo teórico e prático para promoção e desenvolvimento de sistemas baseados em estruturas locais de produção e consumo (TRICHES; SCHNEIDER, 2015). De acordo com os autores, uma das maneiras de revitalizar uma comunidade ou região ocorre por meio do desenvolvimento de uma economia alimentar local, a qual necessita ser sustentável, baseando-se, principalmente, em sistemas de produção agroecológicos.

Em se tratando de Santana do Livramento, os sistemas agroalimentares locais sustentáveis apresentam diversidade no quesito tempo. Ao se considerar o **tempo de produção**, dos nove participantes do estudo, quatro têm entre sete e 15 anos, três têm entre um e cinco anos e dois entrevistados possuem mais de 20 anos. A contemporaneidade da produção agroecológica em Santana do Livramento, em boa medida, relaciona-se com os movimentos internacionais e com as discussões acadêmicas sobre os sistemas agroalimentares sustentáveis.

Por isso, a atualidade da produção é reflexo do recente período de formação acadêmica dos participantes, da idade e dos cursos de desenvolvimento realizados. Os agricultores com menores tempos de produção demonstram que a produção agroecológica de alimentos é um plano de realização pessoal, o qual está em estágios iniciais, de modo proporcional, para os participantes. O discurso da agricultora, a seguir, demonstra o cenário:

[...] faz um ano que a gente começou a vender [...] iniciamos a horta em abril de 2020 [...] de abril a outubro, a gente passou só plantando [...] começando a comercializar mesmo em outubro [...] como antes eu estava na área acadêmica, mas sempre voltada pra pesquisas na área rural [...] eu queria fazer algo que realmente impactasse na minha vida, na vida das pessoas e no meio ambiente [...] é um projeto de vida que eu tenho [*segurando a emoção*] (Entrevistada AF 04).

Nesse contexto, os sistemas agroalimentares locais emergem para preencher as lacunas deixadas pelo modelo convencional de produção e buscam descomoditizar os alimentos e conectar produtores e consumidores, por meio da lógica de proximidade e localidade (FORNAZIER; BELIK, 2013). Esses sistemas buscam promover e fortalecer as economias locais, por meio de relações de comércio mais justas e éticas, e principalmente, se apresentam como uma alternativa às cadeias de suprimentos industriais globais, com produtos que refletem as características de local, natural, saudável e confiável (TRICHES; SCHNEIDER, 2015).

As motivações individuais dos agricultores familiares agroecológicos no município integram um constructo de novas formas de interação entre o produtor e a sociedade, mediante o resgate da procedência e da identidade do produtor e do alimento e da cultura local. O acúmulo de valor passa a ser parte de uma produção imaterial, fruto de segmentos subjetivos que se fundamentam em experiências comuns, como saberes, afeto, cooperação, entre outros. Nesse sentido, os saberes locais – *savoir-faire* – e o conhecimento codificado que os produtores adquirem, bem como a estruturação de uma produção particular, a qual atende um mercado diferenciado, como são o de alimentos agroecológicos *in natura* ou

minimamente processados, demonstram a flexibilidade e adaptação dos agricultores, proporcionando sustentabilidade desde o campo à cidade.

Assim, revela-se que os fatores econômicos estão longe de serem decisivos para a adoção da agricultura agroecológica. Grande parte do processo decisório está aliada a outros elementos, como por exemplo, o acesso ao conhecimento, a preocupação com a saúde, entre outros. O caso é que os fatores não econômicos desempenham um papel determinante na tomada de decisão dos agricultores familiares em estudo. As questões como pressões sociais para redução do impacto ambiental, mediante a influência do acesso ao conhecimento, a realização de cursos formais e capacitações, a filosofia/estilo de vida, a influência dos movimentos sociais e o feito de, historicamente, as famílias produzirem de forma limpa, sem o uso de agrotóxicos, são pontos fundamentais nesse processo.

## 5 Considerações finais

Os aspectos subjetivos que levam os agricultores familiares agroecológicos a produzirem em Santana do Livramento, evidenciam que essa é uma produção de valor não apenas material, uma vez que é nítida a importância da produção para o incremento da renda dos agricultores, mas também de uma produção de valores intangíveis que se ajustam às novas preocupações e necessidades da sociedade contemporânea. Observa-se, assim, que os agentes desse sistema produtivo conciliam fatores multifacetados na construção da ação e reprodução social.

O elevado nível educacional dos participantes da pesquisa indica que o conhecimento é essencial em modelos de produção alternativa, dado que permite o adequamento aos métodos e técnicas específicas a esse tipo de produção, além de possibilitar sua constante atualização com fontes e ferramentas para esse fim. Além disso, outros fatores relevantes que estão implícitos nos resultados se relacionam à importância da qualidade de vida, à preocupação com a própria saúde da família e dos consumidores, à atenção com o meio ambiente e à oportunidade de acesso a mercados diferenciados.

No contexto da agricultura familiar agroecológica, o enfoque coincide justamente com uma ampla gama de alternativas à disposição dos agricultores para que eles possam ter opções e, com base nelas, tomar decisões que melhor atendam às suas expectativas. Tal situação se apresenta de forma contrária ao contexto de propriedades monocultoras, que dependem da produção de *commodities* e de elevada utilização de insumos externos (como os agrotóxicos e fertilizantes), caso da região de Santana do Livramento, possuindo, assim, um conjunto menor de alternativas para tomar suas decisões sobre a propriedade e, em boa medida, sobre a condução dos seus planos de vida.

Cabe salientar que a decisão pela produção agroecológica, neste caso, está na oportunidade observada e não mais na visão de uma produção alternativa e exótica. Consistindo-se, assim, de uma estratégia de negócio viável para os agricultores familiares, que respeita os seres humanos, o meio ambiente e a biodiversidade, tendo em vista um verdadeiro desenvolvimento sustentável.

Como forma de potencializar e estimular a produção agroecológica, torna-se urgente rever o sistema alimentar e o transformar em sistemas resilientes e sustentáveis com foco na saúde e no meio ambiente, logo a agroecologia é o caminho. Em razão de que, não haverá segurança alimentar no médio e longo prazo se não se pensar em sustentabilidade no sistema alimentar. O Estado deve ser o pilar central de qualquer pacote de estímulo. Os investimentos devem se concentrar no aumento da resiliência da produção de alimentos, na redução de perda e desperdício alimentar, no desenvolvimento de sistemas alimentares regionais, na garantia de proteção social aos agricultores e comunidades rurais, na consciência ética e ambiental dos consumidores.

## Referências

ABRAMOVAY, R. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Revista de Economia Aplicada**, São Paulo, v.4, n.2, p.379-396, 2000.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

AQUINO, J. R. de; SCHNEIDER, S. O papel da agricultura familiar na superação da crise atual. **Brasil debate**. (Site). Publicado em: 27 abr. 2021. Disponível em: <https://brasildebate.com.br/o-papel-da-agricultura-familiar-na-superacao-da-crise-atual/>. Consultado em: 13 mar. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, M. A. L.; MESQUITA, Z. Organizações sociais e agroecologia: construção de identidades e transformações sociais. São Paulo, **Revista de Administração de Empresas**, v. 48, p. 23-34, 2008.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. Texto para discussão, n. 621. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CANAVESI, F. de C.; BIANCHINI, V.; SILVA, H. B. C. Inovação na agricultura familiar no contexto da extensão rural e da transição agroecológica. In: SAMBUICHI, R. H. R.; et al. **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: IPEA, 2017.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, F. R.; DAMBRÓS, O. Extensão rural agroecológica: experiências e limites. **Redes**, Santa Cruz Sul, v. 22, n. 2, p. 275-297, 2017.

CASTRO, E. G. et al. Juventude e agroecologia: a construção de uma agenda política e a experiência do PLANAPO. In: SAMBUICHI, R. H. R. et al. (Orgs.). **A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: IPEA, p.295-323, 2017.

CHELOTTI, M. C. Agroecologia em assentamentos rurais: estratégia de reprodução camponesa na campanha gaúcha (RS). **REGE - Revista de Gestão**, São Paulo, n. 7, p. 94-118, 2007.

CHELOTTI, M. C. A dinâmica territorialização-desterritorialização-reterritorialização em áreas de reforma agrária na Campanha Gaúcha. **Campo**, Uberlândia, v.8, n.15, p. 1-15, 2013.

CONTRERAS, J.; GRACIA, M. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2011.

- CRAVEIRO, C. C. (R)existências alimentares: investigando modos de produção de subjetividade através das práticas alimentares na cidade contemporânea. **Geografares**, n. 25, 2018.
- CUERVO, M. R. M.; HAMANN, C.; PIZZINATO, A. Produção, Sociabilidade e Tecnologia na Relação Pessoa-Alimento. **Psicologia Política**, Florianópolis, v. 18, n. 42, p. 364-378, 2018.
- DALCIN, D. **Os estilos de tomada de decisão e o desempenho econômico das propriedades rurais de Palmeira das Missões/RS**. 2013.130f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Agronegócio) – Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- DE TONI, D. et al. A Configuração da Imagem de Alimentos Orgânicos e suas Motivações para o Consumo. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 23, 2020.
- DIEDRICH, G. E.; BIONDO, E.; BULHÕES, F. M. Agroecologia e Bem Viver como modo de vida e como modelo sustentável de produção agrícola e de consumo de alimentos. **Revista do Desenvolvimento Regional**, Taquara, v. 18, n. 3, p. 230-255, 2021.
- DREBES, L. M.; PASQUALOTTO, N.; KAUFMANN, M. P. Agroecologia e sucessão na agricultura familiar: Reflexões sobre a autonomia da juventude rural. **Anais [...]**. Santa Maria: I Colóquio Extensão Rural e Desenvolvimento: Perspectivas sobre o rural brasileiro, 2018.
- EHLERS, E. **Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma**. São Paulo: Livros da Terra, 1996.
- ESAU, C.; DEPONTI, C. M. Tomada de decisão pela diversificação: uma alternativa para agricultura familiar na microrregião de Santa Cruz do Sul/RS. **DRd-Desenvolvimento Regional Em Debate**, Canoinhas, v. 10, p. 439-460, 2020.
- FEE. Fundação de Economia e Estatística. **Resumo estatístico**, 2018. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/municipios/detalhe/?municipio=Santana+do+Livramento>. Consultado em: 19 mar. 2023.
- FERRON, J. da L.; TROIAN, A. O processo de implantação dos assentamentos rurais em Santana do Livramento (RS). **Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, v. 32, n. Esp., p. 01-15, 2020.
- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.17-27, 2008.
- FORNAZIER, A.; BELIK, W. Produção e consumo local de alimentos: novas abordagens e perspectivas para as políticas públicas. **Segurança Nutricional e Alimentar**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 204-218, 2013.
- GIULIANI, G. M. Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.5, n.14, p. 59-67, 1990.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GLIESSMAN, S. R. Transforming food and agriculture systems with agroecology. **Agriculture and Human Values**, London, v. 37, p.547–548, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**: resultados definitivos, 2019. Disponível em: [https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo\\_agro/resultadosagro/index.html](https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo_agro/resultadosagro/index.html). Consultado em: 23 mar. 2023.

JACOB, L. B. et al. **Avaliação Revista da Avaliação da Educação Superior**, Sorocaba, v. 21, n. 1, p. 173-198, 2016.

KARAM, K. F. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n.1, p. 303-320, 2004.

KLOTZ SILVA, J. et al. Alimentação e cultura como campo científico no Brasil. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 413-442, 2010.

LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M. Movimentos sociais e produção de subjetividade: o MST em perspectiva. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 22, p. 269-278, 2010.

LOURENÇO, A. V.; SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. A agricultura orgânica no Brasil: um perfil a partir do censo agropecuário 2006. **Extensão Rural**, Santa Maria, v. 24, n. 1, p. 42-61, 2017.

MACIEL, M. D. A. **Desenvolvimento sustentável e as práticas inovadoras da agricultura familiar**: O caso de Santana do Livramento/RS. 272 f. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal do Pampa. Santana do Livramento, 2022.

MACIEL, M. D. A.; TROIAN, A. A produção de novidades da agricultura familiar: O protagonismo dos sistemas orgânicos e agroecológicos no desenvolvimento sustentável. **Desafio Online**, Campo Grande, v.10, n.3, 2022.

MACIEL, M. D. A.; TROIAN, A.; OLIVEIRA, S. V de. de. Brasil do agro, país da fome: pensando estratégias para o desenvolvimento sustentável. **Espacio Abierto**, Maracaibo, v. 31, n. 3, p. 23-41, 2022.

MACIEL, M. D. A.; TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Inovação e sustentabilidade: As práticas da agricultura familiar agroecológica em Santana do Livramento/RS. **Grifos**, Chapecó, v. 32, n. 60, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22295/grifos.v32i60.7323>

MAIA, A. O esvaziamento demográfico rural. In: BUAINAIN, A. M. et al. (Eds.). **O mundo rural no Brasil do século 21**: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília: Embrapa, 2014.

MAPA. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt->

br/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos. Acesso em: 09 mai. 2023.

MATTE, A.; SPANEVELLO, R. M.; LAGO, M.; ANDREATTA, T. Agricultura e Pecuária Familiar: (des)continuidade na reprodução social e na gestão dos negócios. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 15, n.1, p. 19-33, 2019.

OKUYAMA, K. K. et al. S. Estudo de caso da produção orgânica na região metropolitana de Curitiba: uma questão de gênero e a alternativa para a agricultura familiar. **Anais [...]**. Curitiba: CONEX, 2012.

PIZZIO, A.; MILAGRES, C. S. F. Entre o discurso do reconhecimento e a prática da intervenção: a política nacional de assistência técnica e extensão rural como mecanismo de justiça social para a agricultura familiar. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 15, n. 2, 2019.

PLOEG, J. D. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

POZZEBON, L.; RAMBO, A. G.; GAZOLLA, M. As Cadeias Curtas das Feiras Coloniais e Agroecológicas: Autoconsumo e Segurança Alimentar e Nutricional. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 16, n.42, p. 405-441, 2018.

REICHERT, L. J.; GOMES, M. C. O processo administrativo e a tomada de decisão de agricultores familiares em transição agroecológica. **Revista de la Facultad de Agronomía**, La Plata, v. 112, p. 105-113, 2013.

SANTANA, G. R.; ANDRADE, H. M. L. da S.; ANDRADE, L. P. Agroecologia e agricultura familiar sustentável: percursos e estratégias para transição. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 55-72, 2023.

SANTOS, J. C.; DE JESUS, D. S.; PERIN, L. Perfil dos produtores orgânicos de Sergipe. **Cadernos de Agroecologia**, São Cristóvão, v. 15, n. 2, 2020.

SCHUBERT, M. N; TONIN, J.; SCHNEIDER, S. **Desafios e tendências da alimentação contemporânea**: consumo, mercados e ação pública. (Orgs.). Porto Alegre: UFRGS, 2023.

SCHWAB, P. I.; MORAES, J. A. de; CORRENT, A. R. Sistemas agroalimentares sustentáveis: a produção familiar e a comercialização local de alimentos orgânicos em Rolante-RS. **Revista do Desenvolvimento Regional**, Taquara, v.19, Ed. Esp. 1(SOBER), 2022.

SHULTZ, G.; SOUZA, M.; JANDREY, W. F. Motivações e acesso aos canais de comercialização pelos agricultores familiares que atuam com produção orgânica na Região da Serra Gaúcha. **Revista do Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 3, 2017.

SILVA, S. N. da; FLEY, R.; CARPES, A. M. Perfil de gestão das unidades de produção, com base agroecológicas, situadas no município de Laranjeiras do Sul – PR. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 22-41, 2020.



SIMON, H. A. **Comportamento administrativo**: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1971.

SWINBURN, B. A. et al. The Global Syndemic of Obesity, Undernutrition, and Climate Change. **The Lancet Commission report**. Volume 393. ISSUE 10173, 791-846, 2019. Disponível em <https://www.thelancet.com/commissions/global-syndemic>. Consultado em: 25 mar. 2023.

TRICHES, R. M Dietas saudáveis e sustentáveis no âmbito do sistema alimentar no século XXI. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 44, p. 883-896, 2020.

TRICHES, R. M.; SCHNEIDER, S. Alimentação, sistema agroalimentar e os consumidores: novas conexões para o desenvolvimento rural. **Cuadernos de Desarrollo Rural**, Bogotá, v. 12, n. 75, p. 55-75, 2015.

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 201-218, 2014.

WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for Sustainable Development**, v. 29, p. 503-515, 2009.

ZONIN, W. J. Agroecologia, transição agroecológica e mudança ambiental. In: BRANDEMBURG, A.; FERREIRA, A. D. D. (Orgs.). **Agricultores ecológicos e o ambiente rural**: visões interdisciplinares. São Paulo: Annablume, p. 231-268, 2012.

---

<sup>1</sup> O OCS é um mecanismo participativo de legalização da produção orgânica que concede um atestado de cadastro de produtor orgânico por meio de registro realizado junto ao Ministério da Agricultura, o qual consta na relação geral do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (CNPO), concedendo o direito de comercializar produtos orgânicos não certificados, diretamente ao consumidor.

<sup>2</sup> A Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) é multicampi e a unidade de Santana do Livramento possui os cursos de Agronomia e de Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, em nível de graduação e em Agroecologia, na pós-graduação.